



CRIMINOSOS E VÍTIMAS NO TELEJORNALISMO: UM ESTUDO DO JORNAL NACIONAL E DO JORNAL DA BAND[√]



Michele NEGRINI*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a forma como os criminosos e as vítimas são apresentados em reportagens sobre a morte levadas ao ar no Jornal Nacional e no Jornal da Band. Como objeto, analisamos seis edições do JN e seis edições do JB. São focos deste estudo todos os casos de morte apresentados nos telejornais que compõem o corpus. As edições têm como caso principal a cobertura do desfecho do sequestro de Santo Andre, interior de São Paulo, onde Lindemberg Alves, 22 anos, manteve a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, como sua refém por mais de 100 horas. Tomamos como suporte metodológico a Análise do Discurso de Linha Francesa.

Palavras-chave: telejornalismo. Jornal Nacional. Jornal da Band. Criminosos. vítimas.

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

É comum ligarmos a televisão e nos depararmos com cenas de morte. Na programação televisiva, a apresentação de telejornais que levam ao ar notícias sobre a finitude humana é constante. Tais programas podem ser exemplificados pelo programa Jornal Nacional e pelo Jornal da Band.

O Jornal Nacional é um dos principais telejornais do Brasil. Transmitido desde o ano de 1969, pode ser considerado uma referência no telejornalismo nacional. O Jornal da Band, antigo Jornal Bandeirantes, criado em 1967, vai ao ar às 19h20min e sai imediatamente antes do início da exibição do Jornal Nacional.

[√] Artigo recebido em 23 de julho de 2015 e aprovado em 10 de dezembro de 2015.

* Jornalista, Mestra em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).
@: mmnegrini@yahoo.com.br.

O Jornal Nacional e o Jornal da Band são telejornais de credibilidade no cenário nacional e, cada um com suas peculiaridades, possuem configurações que os tornam objetos interessantes e singulares para estudos. Estamos tratando de telejornais de referência e com respaldo entre o público, mas que, ao abordarem a morte, principalmente resultante de crimes violentos, acabam recorrendo a recursos espetaculares.

A apresentação da morte no jornalismo televisivo diversas vezes é dotada de ingredientes que vão muito além da simples apresentação do fato. São levados ao ar os anseios dos parentes dos que morreram; choros e gritos têm espaço nos telejornais; e pessoas emocionadas podem dar seus depoimentos demonstrando seus sentimentos em decorrência do acontecimento da morte. No caso de mortes relacionadas a crimes, geralmente ocorre uma construção da imagem dos criminosos, que, muitas vezes, são apresentados como essencialmente maus; e das vítimas, que, muitas vezes, são mostradas como dotadas de qualidades.

Este estudo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre como criminosos e vítimas são apresentados em reportagens sobre a morte transmitidas no Jornal Nacional e no Jornal da Band. O *corpus* de pesquisa é composto por seis edições do Jornal Nacional e seis edições do Jornal da Band, as quais foram veiculadas no período de 20 a 25 de outubro de 2008. Estiveram sob o olhar deste estudo todos os casos de morte apresentados nos telejornais que compõem o *corpus*. As edições verificadas têm como caso principal a cobertura do desfecho do sequestro de Santo Andre, interior de São Paulo, onde Lindemberg Alves, 22 anos, manteve a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, como sua refém por mais de 100 horas.

O ESPETÁCULO NO TELEJORNAL

Para dar bases ao estudo sobre a forma como os criminosos e as vítimas são exibidos nas reportagens sobre a morte no Jornal Nacional e no Jornal da Band, vamos apresentar algumas reflexões sobre a televisão e sobre o espetáculo no telejornalismo.

A TV tem destaque entre os meios de comunicação, tendo em vista que ela geralmente ocupa um lugar especial nas residências das pessoas e tem espaço no cotidiano do público. Para Rezende (2000, p.31): “Inegavelmente, a TV é o principal



veículo de comunicação do sistema de comunicação de massa brasileiro”. Na atualidade, ela tem passado por constantes mudanças na programação e na forma de focar os conteúdos apresentados, que implicam na exaltação da espetacularização no contexto televisivo. Esta espetacularização é um ingrediente presente, inclusive, na grade de jornalismo de muitas emissoras, as quais, mesmo que de forma sutil, apresentam programas *shows* como forma de sedução do público.

A crescente presença da espetacularização nos meios de comunicação, principalmente na televisão, pode ser considerada uma tendência nos dias atuais. A apresentação de *shows* é mais que um simples modismo; ela já está consolidada, e, na maioria das vezes, sustenta elevados índices de audiência. Na programação televisiva, são comuns os programas que levam ao ar debates sobre questões do cotidiano humano, como a resolução de questões sobre a vida privada de pessoas anônimas – tais questões, muitas vezes, sem relevância para o grande público. No caso de programas tidos como de jornalismo, é costumeira a apresentação de blocos que acoplam jornalismo com espetacularização.

Canavilhas (2001) salienta que a espetacularização das notícias na televisão é uma consequência do domínio da observação sobre a explicação. A televisão procura prender os espectadores. E dar prioridade à apresentação do insólito, do excepcional e do chocante, que fazem uma excelente composição de um espetáculo midiático, pode ser uma receita padrão para prender os públicos frente à tela.

A espetacularização é uma forma de repassar aos telespectadores as ilusões de que estão acompanhando o fato jornalístico em sua essência:

O espetáculo jornalístico em cena, no telejornal, seria dimensão essencial da ilusão da realidade, já que as cenas representadas em suas notícias seriam percebidas pelo público como reais e autônomas, independentemente de influências do meio (COUTINHO, 2003, p. 62).

Para Canavilhas (2001), é exigência do espetáculo que a realidade seja levada para a cena de forma dura, nua e crua. Assim, quanto mais completa, global e natural for o real que o público vai ter acesso, maior será a probabilidade do noticiário de captar audiência. A informação oferecida pela televisão vai ter impacto entre o público com o oferecimento de imagens do mundo mais completas do que

aquelas tidas no local do fato. E, o processo de “complementação” da realidade é a espetacularização (CANAVILHAS, 2001).

Nas palavras de Szpacenkopf (2003), o telejornal não é nada mais que um espetáculo formado por informações que são percebíveis, pois as notícias, com o decorrer do tempo, podem se tornar obsoletas e sem valor mercadológico. Ele é um espetáculo que tem horário para começar e para ser finalizado, com a função de informar, divertir, além de alertar a audiência, a qual precisa ser mantida. A autora salienta que no espetáculo não há continuidade, o começo e o fim de uma tarefa estão muito próximos. E o telejornal faz parte da lógica do *show*, sendo submetido às leis espetaculares

No pensamento de Szpacenkopf (2003), o telejornal pode ser considerado um espetáculo de variedades porque ele dá destaque em sua pauta cotidiana a notícias de sofrimento e de violência. A violência apresentada no telejornalismo, muitas vezes, resulta em morte. Esta última é, na maior parte dos casos, levada ao ar com enfoque espetacular.

Os espetáculos de violência e morte são atrativos ao grande público. Szpacenkopf (2003) evidencia que mesmo os que dizem não gostar de violência acabam sendo atraídos por contemplá-la nos meios de comunicação e acabam se interessando por notícias com este conteúdo, “[...] seja porque querem estar informados, seja porque precisam saber o que pode lhes acontecer, seja porque defensivamente podem ver na tela o que poderiam fazer, mas que são os outros que fazem” (SZPACENKOPF, 2003, p. 257).

Quando falamos da cobertura televisiva a pautas polêmicas e, ao mesmo tempo presentes na sociedade brasileira, como violência e morte, a expectativa quanto aos meios de comunicação é a de que sejam instrumentos de vigilância e tenham seu foco na promoção de valores. Na prática do jornalismo cotidiano, nem sempre os meios atuam como mantenedores de valores; muitas vezes, trabalham assuntos polêmicos de forma a destacar o que eles têm de mais espetacular.

OS SENTIDOS SOBRE CRIMINOSOS E VÍTIMAS

Para analisar a forma como o Jornal Nacional e o Jornal da Band apresentam os criminosos e as vítimas em reportagens sobre morte, vamos analisar os dois telejornais através da Análise do Discurso de Linhas Francesa.



A Análise de Discurso de linha francesa (AD) permite ao estudioso da linguagem fazer análises dos variados discursos que emergem na sociedade a partir de determinações sociais, políticas e culturais. O analista de discurso se preocupa com o processo de produção de sentidos, pois o objetivo de uma análise sob esse viés é desvelar os sentidos subjacentes ao sistema linguístico (ORLANDI, 2001).

A AD procura compreender a língua fazendo sentido, na relação com as condições de produção. Ela não toma a língua como um sistema abstrato, mas como inserida no mundo, fazendo parte da vida dos homens, isto é, de sujeitos os quais ocupam determinada posição como membros da sociedade (ORLANDI, 2007).

Os sentidos de um texto variam conforme as estratégias postas em funcionamento na construção do discurso, a constituição dos sujeitos que falam e dos sujeitos que leem, o meio em que o texto se materializa e as relações de poder envolvidas.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever (ORLANDI, 2007, p. 47).

O sujeito enuncia a partir de um determinado lugar e este lugar é um distintivo para o que ele diz. A construção dos sentidos, portanto, está intimamente relacionada aos interlocutores do discurso. Os sentidos se dão de acordo com as posições ideológicas que estão em jogo no processo de produção das palavras.

No caso específico do discurso jornalístico, Mariani (1998) explica que a produção de sentidos das notícias se dá a partir de um jogo de influências no qual estão presentes as impressões do próprio jornalista (que são sujeitos históricos), dos leitores e, também, da linha política do jornal.

No caso do Jornal Nacional e do Jornal da Band, que têm discursos notadamente polifônicos, é relevante falar em paráfrase – compreendendo a paráfrase como a repetição, ao longo de um texto, de um mesmo sentido. Diferentes formulações para um mesmo dizer caracterizam a paráfrase. Também podemos dizer que é paráfrase a constante repetição dos sentidos de um enunciado principal. Nos processos de paráfrase, em todo enunciado sempre há características que se mantêm (ORLANDI, 2007). A paráfrase representa a retomada dos mesmos lugares

do dizer. A tendência à constante repetição de sentidos, caracterizada pela paráfrase, pode levar à redundância.

OS CRIMINOSOS NO JN E NO JB

O Jornal Nacional, da Rede Globo, possui um discurso que se configura com muita riqueza de detalhes e pode ser considerado um objeto com interessantes aspectos para análise. O programa tem ampla credibilidade entre o público brasileiro e tem o respaldo dos apresentadores, Renata Vasconcellos e William Bonner, para apresentar temáticas polêmicas como a morte. No caso “Eloá”, que é o evento de morte principal das edições em estudo, o telejornal destinou boa parte do tempo que ficou no ar para relatar minuciosamente os principais detalhes do acontecimento. A cobertura ao enterro foi digna do funeral de uma celebridade.

Da mesma forma, o Jornal da Band, da Rede Bandeirantes, também possuiu um discurso com características interessantes para serem analisadas. O programa, no período correspondente ao *corpus* desta pesquisa, também fez uma exploração minuciosa dos detalhes do caso “Eloá”.

A questão da repetição de sentidos no JN e no JB torna este estudo interessante e intrigante. A observação da reprodução de determinados sentidos, o que é característica da paráfrase, vai nos permitir delinear a análise da apresentação dos criminosos no jornalismo televisivo a partir das matérias sobre a finitude humana, com foco no Jornal Nacional e no Jornal da Band.

Como já falamos anteriormente, o *corpus* é composto por seis edições do Jornal Nacional e seis edições do Jornal da Band, as quais foram ao ar nos dias 20, 21, 22, 23, 24 e 25 de outubro de 2008. São focos deste estudo todos os casos de morte apresentados nos telejornais que compõem o *corpus*. As edições têm como caso principal a cobertura do desfecho do sequestro de Santo Andre, interior de São Paulo, onde Lindemberg Alves, 22 anos, manteve a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, como sua refém por mais de 100 horas. O final do episódio resultou na morte de Eloá, no dia 18 de outubro de 2008, depois de ter sido alvejada por Lindemberg¹.

¹ Além do caso “Eloá”, outras mortes foram apresentadas no período correspondente ao *corpus* deste estudo.



Vamos nos deter, usando a metodologia da AD francesa, no estudo do texto verbal dos locutores das seis edições do Jornal Nacional e das seis edições do Jornal da Band que fazem parte do *corpus* deste estudo. Por opção metodológica, selecionamos os principais sentidos instituídos sobre os criminosos no discurso de todos os locutores² presentes nas matérias sobre a morte nos programas em estudo.

O Jornal Nacional e o Jornal da Band, na transmissão de mortes por criminalidades, ao retratarem o criminoso³, apresentam uma construção discursiva bastante simplistas. Na maioria das vezes, os criminosos são mostrados como tendo múltiplos defeitos, a sua imagem está associada a uma visão plana, sem complexidade e não problematizada, de um indivíduo essencialmente mau. As falas da maior parte dos locutores condenam os criminosos, contribuindo para reforçar uma lógica maniqueísta.

As Seqüências Discursivas seguintes mostram a caracterização do criminoso como necessariamente mau no Jornal Nacional:

Apresentador William Bonner- Segundo a polícia, *Daniel invadiu a casa de Camila Silva Araújo ontem à noite. O rapaz atirou na cabeça da jovem na frente do filho deles, de um ano. A família de Camila diz que ela e Daniel tiveram um relacionamento durante três anos e que há quatro meses ela rompeu o namoro.*

Lindemberg Alves - *Não tenho expectativa de vida mais não, mano. Dá um tempo para mim que estou precisando ficar sozinho. Não quero ver ninguém.*

Repórter César Galvão - *Lindemberg vai ser processado por: cárcere privado, disparo de arma de fogo, tentativa de homicídio e homicídio qualificado. A polícia já ouviu pelo menos 19 pessoas. Nesta segunda, foi a vez do irmão mais velho de Eloá.*

Policial Adriano Giovaninni- *O Gate não errou, quem errou foi o Lindemberg. Ele errou de ter procurado uma arma, premeditado o seqüestro, ficar lá cinco dias e fazer o que fez no final. A única pessoa que errou foi ele.*

Repórter Karen Schmidt - *Lindemberg está em uma cela de seis metros quadrados e dorme em um colchão no chão. Ele só pode receber a visita da advogada, que não veio aqui hoje. Nesta penitenciária, estão presos envolvidos em casos de grande repercussão, como Alexandre Nardoni, acusado de matar a filha Isabella, e os irmãos Cravinhos, condenados em 2006 pela morte do casal Richthofen. Lindemberg está em regime de observação e ficará isolado durante dez dias.*

² Ducrot (1987, p. 182) diz que o locutor é “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável”. O locutor mostra-se como o “eu” no discurso.

³ “Geralmente, diz-se *criminoso*, a pessoa que pratica ato condenado pela lei ou pela moral. Mas, a rigor, entende-se criminoso toda pessoa a quem se imputa a prática de um crime, como tal qualificado em lei. A qualificação ou definição legal do fato como crime e a imputação a certa pessoa, como agente de sua prática, é que caracteriza a qualidade de criminoso” (SILVA, 1998, p. 232 - 233).

O criminoso Lindemberg Alves, assassino de Eloá Pimentel, tem sua imagem, no JN, associada ao *desequilíbrio*. É tratado como *alguém que errou, como uma pessoa perigosa e violenta*.

Com a observação do discurso do Jornal Nacional, fica evidente que em coberturas de mortes por assassinatos são dadas poucas oportunidades de manifestação às pessoas ligadas aos criminosos. O discurso do telejornal geralmente é construído com referências em fontes ligadas às vítimas e em autoridades policiais. Desta forma, o discurso do JN, ao caracterizar as pessoas que cometeram crimes, adquire caráter unívoco e pouco polêmico⁴.

A caracterização, no Jornal da Band, do criminoso como alguém com muitos defeitos pode ser evidenciada nas Sequencias Discursivas:

Repórter Kiko Ribeiro - Paulo era o melhor amigo. *Conta que depois de terminar o namoro com Lidemberg, Eloá passou a ser ameaçada.*

Bianca Araújo (Delegada) - *O viram subindo e descendo, né. Além dele continuar evadido, já não voltou à sua residência, seus parentes não sabem dele.*

Repórter Sérgio Costa - Era meia noite quando Roberto chegou ao apartamento. Ele foi recebido pela empregada. *O motorista disse que precisava falar com o patrão porque o pai dele teria sofrido um acidente. O encontro durou menos de 10 minutos. Houve discussão e um disparo foi ouvido.*

Apresentadora Ticiano Villas Boas- O suspeito de matar o empresário Arthur Sendas, no Rio de Janeiro, acaba de se entregar à polícia. *O motorista Roberto Costa Júnior, de 28 anos, foi flagrado pelas câmeras de segurança do prédio onde morava o empresário, no Leblon. E já teve a prisão temporária decretada.*

Repórter Rodrigo Hidalgo - A polícia civil deve concluir o inquérito sobre a morte de Eloá até o início da semana que vem. *O ministério público já adiantou que vai denunciar Lindemberg por duas tentativas de homicídios, cárcere privado, disparos de arma de fogo e homicídio duplamente qualificado, por motivo torpe e impossibilidade de defesa da vítima. A pena mínima do caso condenação é de 25 anos.*

Antonio Nobre (Promotor de justiça criminal) - *O causador da morte foi Lindemberg. Demonstrou intenção, premeditou o crime. Antes mesmo de invadir o apartamento já havia demonstrado aos amigos, dizendo que iriam ouvir falar dele.*

⁴ Nos casos que compõem o corpus deste trabalho, falas dos réus ou de pessoas ligadas a eles são quase inexistentes, e quando aparecem, na maioria das vezes, são para condená-los.



Apresentadora Ticiano Villas Boas – *O suspeito pelos crimes é William Balfour, de 27 anos, que já está preso. Ele foi casado com a irmã da atriz e passou sete anos na cadeia por tentativa de homicídio e roubo de carro.*

No JB, Lindember também é apresentado como *perigoso, como tendo cometido vários crimes e como ciumento e desequilibrado.*

Cabe a observação de que o Jornal da Band se focou, na edição do dia 20 de outubro de 2008, na análise do comportamento e de “traços de psicológicos” de Lindemberg Alves, o que acentuou a caracterização do caráter mau e perturbado do criminoso.

Apresentadora Ticiano Villas Boas - *As imagens da negociação entre a polícia e Lindemberg mostram a agressividade do assassino e a tentativa das famílias de convencer o sequestrado a se entregar. Dois especialistas analisaram as gravações.*

Lindemberg Alves- *Tô precisando ficar sozinho. Não quero ver ninguém.*

Lindemberg Alves - *“Eu vou matar ela e você nem vai saber. Eu vou amarrar ela e esfaquear ela e me esfaquear”.*

Luiza Nagib Eluf (Procuradora de SP) - *O homem mata a mulher para se vingar de uma rejeição e ele mata porque ele acha que aquela mulher é um objeto dele.*

Repórter Fernanda Bak - *O fornecimento de água e luz é cortado, Lindemberg reivindica o restabelecimento de energia.*

Jacob Goldemberg (Psicólogo) - *O tempo todo ele fica entre a impotência e a onipotência. Eu quero que a outra menina volte. Agora eu quero que ascenda a luz.*

Lindemberg Alves - *Não quero mais ela. Nunca mais na minha vida. Estou com ódio dela.*

Luiza Nagib Eluf (Procuradora de SP) - *É passional, é cruel e ele tem um ódio imenso dentro de si, ele é destruidor.*

Lindemberg Alves - *Eu só quero ter espaço. Quero pensar...Ter um caminho. Um caminho que estou pensando. Quero ficar sozinho. Não quero ver ninguém.*

Por outro lado, na edição do dia 23 de outubro de 2008, o JB apresenta uma espécie de complexificação na personalidade de Lindemberg Alves. O assassino, que até então foi completamente caracterizado como frio, tem o seu lado sentimental demonstrado ao ficar sabendo do falecimento de Eloá.

Ana Lúcia Assad (advogada de Lindemberg) – *Ele ficou muito chocado, ficou muito triste, muito emocionado.*

Com a observação do discurso do Jornal da Band, fica evidente que o telejornal apresenta, na maioria das vezes, os que cometeram crimes como pessoas com desvio de caráter e como propensas à prática de atos prejudiciais para o meio social. Essas pessoas são demonstradas, muitas vezes, como sendo frias e sem escrúpulos

AS VÍTIMAS NO JN E NO JB

Da mesma forma que na análise da apresentação dos criminosos no Jornal Nacional e no Jornal da Band, a observação da repetição de determinados sentidos (paráfrase) vai delinear o estudo da apresentação das vítimas nas edições dos dois telejornais que estão sendo avaliadas.

A vítima tem uma construção distinta, geralmente demarcada como alguém com virtudes, com destaque no meio social e com características de bondade. As sequências discursivas reunidas a seguir mostram a caracterização da vítima, no Jornal Nacional, como plena de virtudes e como alguém que vai fazer falta no seu meio de convívio. As sequências se referem ao caso Eloá Pimentel. Neste caso, é verificável no discurso do JN a caracterização da vítima⁵ como alguém que gera benefícios à sociedade, inclusive depois do falecimento. Tal constatação se dá pela ênfase à doação dos órgãos da adolescente.

Amigo de Eloá- *Uma pessoa super legal, não tinha tempo ruim e não merecia.*

Amigo de Eloá- *Se a gente precisava dela para alguma coisa, ela sempre estava ali para ajudar.*

Apresentadora Fátima Bernardes – *Eloá era uma amiga muito querida. Uma das mais populares da turma. Hoje não houve aula na escola que ela estudava.*

Repórter Ernesto Paglia - *Uma perda trágica, uma lição duríssima, especialmente quando se tem apenas 15 anos e, quem morreu era uma das amigas mais populares do grupo.*

Repórter Ernesto Paglia - *Alegre, comunicativa, romântica. Apesar de ter crescido num dos bairros mais violentos de Santo André, Eloá tinha as fantasias de qualquer jovem de 15 anos. Gostava de navegar na internet, participar de sites de relacionamento, ouvir música.*

⁵ “Geralmente entende-se por *vítima* toda pessoa que é sacrificada em seus interesses, que sofre um dano ou é atingida por qualquer mal. E, sem fugir ao sentido comum, na linguagem penal designa o sujeito passivo de um delito ou de uma contravenção. É, assim, o ofendido, o ferido, o assassinado, o prejudicado, o burlado” (SILVA, 1998b, p. 503).



A demonstração da imagem da vítima, no Jornal da Band, como uma pessoa dotada de qualidades pode ser confirmada nas sequências discursivas a seguir. Da mesma forma que no Jornal Nacional, no Jornal da Band, Eloá Pimentel tem suas qualidades enfatizadas, inclusive após o seu falecimento tendo em vista o destaque à doação de órgãos da garota.

Entrevista (não há identificação da pessoa)- *Vamos todos ser forte e aguentar a perda de alguém querido.*

Repórter Kiko Ribeiro - Os colegas de sala de Eloá trouxeram rosas e muitas lembranças da *menina de 15 anos, que era considerada a conselheira da turma.*

Priscila Takeda (Amiga de Eloá) - *Ela era a que tinha mais cabeça, que dava conselho para cada um de nós conforme... [Suspiro]. Agente vai sentir falta de tudo, muita, muita falta.*

Apresentadora Ticiania Villas Boas- *No dia de seu aniversário, uma mulher de 39 anos, que estava na fila do transplante, recebeu hoje o coração de Eloá. Mais seis pessoas vão ser beneficiadas com os órgãos doados pela família da adolescente.*

Repórter Eleonora Paschoal - *A retirada dos órgãos de Eloá começou ontem à noite, logo após a autorização da família. As ambulâncias com a esperança de uma vida melhor para pelo menos outras seis pessoas saíram de Santo André pela madrugada. No mesmo hospital que foi feito o transplante de coração, um homem de 25 anos está recebendo pâncreas e rim.*

Como se pode ver, no discurso do Jornal da Band, a vítima Eloá é caracterizada como a conselheira da turma, como aquela que tinha “cabeça” e que vai fazer muita falta. O telejornal mostra que mesmo depois de morta, a adolescente de Santo André trouxe contribuições para a sociedade, através da doação de órgãos.

Outro caso de morte apresentado nas edições em análise foi o do empresário Arthur Sendas, que da mesma forma que Eloá Pimentel, foi tratado pelo Jornal da Band como uma pessoa cheia de virtudes:

Repórter Sérgio Costa - A cerimônia foi marcada por depoimentos emocionados. Incomum a revolta sobre a indefinição do motivo do crime. *Arthur Sendas foi apontado pelos amigos como patrão solidário.*

Antonio Lopes (ex-presidente do Vasco) - *Um homem que só fez o bem durante toda sua vida.*

Vale ressaltar que nas edições do Jornal da Band em análise, foi verificado, no dia 25 de outubro de 2008, em notícia sobre crime em posto de gasolina, que a construção da imagem da vítima fugiu ao “habitual” no telejornal. Neste caso, ela foi caracterizada como tendo passagem pela polícia:

Repórter Fernanda Soares - Drogas e mulheres foram os motivos da briga que acabou em morte. Segundo a polícia, a vítima já tinha passagem pela polícia e estava em liberdade provisória. Pessoas que estavam no posto no momento do crime já começaram a ser ouvidas. Mas, o atirador continua foragido.

Dentro de uma “moldura geral” apresentada pelos dois telejornais, verificada nas edições estudadas, de que as vítimas são pessoas dotadas de qualidades, houve uma “brecha” na imagem de Eloá Pimentel: a sua constituição familiar. O pai da moça foi identificado, durante o sequestro – quando passou mal e foi atendido por um serviço de saúde, como foragido da polícia, como pertencente a um extinto esquadrão da morte no estado de Alagoas e como acusado de vários crimes. Ele fugiu e não chegou a participar de enterro de Eloá. Nas sequencias discursivas a seguir, partes da discussão do Jornal da Band sobre o pai da vítima de Lindemberg Alves:

Apresentador Boris Casoy- E a polícia de Alagoas pede a prisão do pai de Eloá, suspeito de ser um foragido da justiça, acusado de integrar o esquadrão da morte. Ele estaria envolvido no assassinato, em 91, do delegado Ricardo Lessa, irmão do ex-governador do Estado.

Repórter Rodrigo Hidalgo - Aldo José da Silva, como é conhecido em São Paulo, pode ser na verdade Everaldo Pereira dos Santos, ex-cabo da polícia militar de Alagoas. Ele teria feito parte da Gangue fardada, um grupo de extermínio responsável por assaltos e homicídios no Estado, na década de 90. Estas fotos mostram a semelhança entre os dois. Já estes documentos, obtidos com exclusividade pela Band, revelam que Everaldo aparece como réu em vários processos por homicídio doloso na justiça de Alagoas. Uma das vítimas é Ricardo José Lessa Santos, assassinado em 91. Ele era irmão ex-governador do Estado Ronaldo Lessa.

No contexto da caracterização do pai de Eloá como mau, o JB faz uma vinculação dele com Lindemberg Alves.

Repórter Kiko Ribeiro – A polícia de Alagoas investiga uma possível ligação de Everaldo Pereira dos Santos, pai de Eloá, e Lindemberg Fernandes com o crime organizado. Segundo o delegado que investiga o caso, os dois atuariam na região do ABC.

Marcílio Barrenco (Delegado) – Há suspeitas concretas que o Lindemberg e ele faziam parte de um grupo criminoso de Santo André. O Lindemberg não era só namorado da filha dele.



O Jornal Nacional também fez uma discussão sobre a vida criminosa do pai de Eloá Pimentel:

Apresentadora Fátima Bernardes – O sequestro e a morte de Eloá revelaram o paradeiro de um foragido da Justiça. O pai da jovem é suspeito de participar de um grupo de extermínio em Maceió.

Repórter Cesar Galvão - Em 1991, a vítima foi Ricardo Lessa, irmão do ex-governador Ronaldo Lessa. Em Santo André, o pai de Eloá era conhecido como Aldo José da Silva, nome que aparece nos documentos, mas que não bate com a certidão feita em um cartório em Maceió, quando Eloá nasceu. Nós confirmamos as informações também por telefone.

Depois de mostrar o histórico criminoso do pai de Eloá, o JN mostra a versão dele:

Repórter Cesar Galvão - No fim da tarde desta terça-feira, conseguimos falar por telefone com o pai de Eloá. Ele disse que é inocente e explicou porque trocou de nome:

Pai de Eloá - “Para sobreviver, se não eles me matavam, eu sou um arquivo vivo. Não estou envolvido na morte do delegado e das outras pessoas de jeito nenhum. Eu tinha vontade de me entregar para me defender, mas eu tinha medo de morrer, como estou com medo agora de morrer”.

Com a observação do discurso Jornal Nacional e do Jornal da Band sobre às vítimas, fica evidente que os dois telejornais geralmente apresentam as vítimas como sendo boas e raramente questionam suas atitudes. Como pode-se ver, no caso de Eloá Pimentel, o único “ponto negativo” destacado em sua trajetória foi a apresentação do histórico de seu pai. Mas, no caso do discurso do Jornal da Band, o histórico do pai de Eloá foi associado a Lindember Alves.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o discurso televisivo significa descobrir elementos que estão muito além do que parece óbvio aos olhos do telespectador. O analista do discurso tem a tarefa de buscar detalhes e sentidos muitas vezes ocultos nas entrelinhas dos enunciados e nas mais diversas imagens. Nosso esforço foi concentrado na busca de indícios sobre os principais sentidos instituídos sobre criminosos e vítimas em reportagens sobre a morte no Jornal Nacional e no Jornal da Band.

É pertinente dizer que os dois telejornais estão longe de retratar os crimes com objetividade jornalística e de levar em consideração a velha ideia da imparcialidade. A opinião do JN e do JB sobre os envolvidos nos crimes fica visível a

quem analisar os discursos deles de forma minuciosa. Não há uma problematização e uma complexificação da imagem dos criminosos e das vítimas. As vítimas geralmente são caracterizadas como pessoas boas. Já os criminosos normalmente são retratados como pessoas que fizeram mal às vítimas. Aqueles que cometeram crimes são caracterizados pelos dois telejornais estudados como repletos de defeitos e, dessa forma, acabam representando problemas para a sociedade.

Não há como negar a violência dos crimes e não se trata de defender os “criminosos”. Mas, ressalta-se que se a mídia desse lugar a outras lógicas de enunciação, talvez tivéssemos vítimas também caracterizadas como imperfeitas. E pode-se inferir que acaba ocorrendo uma espécie de condenação às pessoas que cometeram crimes através do discurso midiático.

Na análise do corpus deste estudo, é válido destacar que o Jornal Nacional e o Jornal da Band fogem do seu “tratamento habitual” aos criminosos em raras situações. Esses, na maioria das vezes, são tratados como essencialmente maus. O JN e o JB, ao caracterizarem as pessoas que cometeram crimes, rumam para condutas similares. Eles levam muito mais em conta as características da espetacularização do que as bases do jornalismo.

CRIMINALS AND VICTIMS IN TV JOURNALISM: A STUDY OF THE JORNAL NACIONAL AND THE JORNAL DA BAND

ABSTRACT

This article aims to reflect on how criminals and victims are presented in reports on death brought to air on *Jornal Nacional* and on *Jornal da Band*. As an object, we analyzed six editions of JN and six editions of JB. All cases of death presented on TV that comprise the corpus are focus of this study. The main issues are the coverage of the outcome of the kidnapping in Santo Andre, São Paulo, where 22-year-old Lindemberg Alves, kept his 15-year-old ex-girlfriend Eloá Cristina Pimentel, as his hostage for more than 100 hours. We take as methodological support Discourse Analysis of French Line.

Keywords: TV journalism. Jornal Nacional. Jornal da Band. Criminals. victims.

REFERÊNCIAS

CANAVILHAS, João. **Televisão: o domínio da informação-espetáculo**. In: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 10 de dezembro de 2001.



COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia no telejornalismo brasileiro**: a estrutura narrativa das notícias em televisão. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, 2003.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas: UNICAMP, 1998.

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7 ed. Campinas: Pontes, 2007.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

SCZPACENKOPF, Maria Izabel. *O Olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Oscar José de Plácido e . *Vocabulário Jurídico*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1998.